

## O quarto de Jack: uma analogia à Alegoria da Caverna<sup>1</sup>

Jhonattan Anderson de Jesus RODRIGUES<sup>2</sup>  
Kamila Katrine Nascimento de FREITAS<sup>3</sup>  
Universidade Federal da Paraíba

### RESUMO

O artigo intitulado *O quarto de Jack: uma analogia à Alegoria da Caverna* faz uma análise comparada do filme *O quarto de Jack*, de Lenny Abrahamson, com o mito da caverna, escrita por Platão em seu livro *A República*. Neste artigo, primeiro há uma abordagem das obras de modo individual, sem que haja comparação. Depois de concluída as especificações de cada obra, inicia-se a análise comparada. Para escrever o artigo, usamos como referência textos de estudiosos que trabalharam com a narrativa da Alegoria da Caverna. Entretanto, cabe destacar que a análise comparada foi realizada sem consulta a outras fontes, por não encontrarmos artigos que tratem da comparação das obras trabalhadas nesse artigo. A comparação, por sua vez, possibilita a compreensão do uso de metáforas para descrever uma temática que foi abordada na época de Platão, mas presente séculos depois: a alienação social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Platão; alegoria; analogia; quarto; Jack.

### 1 Introdução

As metáforas aparecem nas narrativas, sejam elas literárias, cinematográficas para fazer com que as pessoas possam compreender algo, sem estar diante do óbvio. Ou ainda, são usadas para velar algo que necessita de uma sensibilidade e compreensão que vão além do senso comum. O filósofo Aristóteles acredita existir uma distinção entre a linguagem de expressão poética e aquela usada no cotidiano, afirmando que é no cotidiano, não na poesia que há maior uso das metáforas.

O que poderia haver de comum entre a passagem de um livro do século IV a. c e um filme de 2016, século XXI? De início você poderia pensar que nada poderia interligar as duas narrativas devido ao tempo de distância em que ambas foram escritas. O presente artigo intitulado *O quarto de Jack: uma analogia à Alegoria da Caverna* tem como objetivo comparar a Alegoria da Caverna, do livro *A República*, de Platão com o filme “O quarto de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB. E-mail: jhoony.rodrigues@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB. E-mail: kamila\_katrine@hotmail.com

Jack”, do diretor Lenny Abrahamson. As obras mencionadas foram escolhidas por se tratar de uma metáfora da alienação social.

No primeiro capítulo, faremos uma abordagem da passagem do livro *A República*, de Platão, em que o autor narra a discussão entre Sócrates e Glauco no que ele denominaria de Alegoria da Caverna. Durante esse primeiro momento, apenas apresentaremos o mito, a análise comparada aparecerá posteriormente.

No segundo capítulo haverá uma explicação do filme “O quarto de Jack”, de Lenny Abrahamson, explicando a importância de sua narrativa, como foi construída, a aclamação que recebeu por parte da mídia, desenvolvendo também uma breve sinopse.

No terceiro e último capítulo faremos a análise comparada das duas narrativas: A Alegoria da Caverna e O quarto de Jack. Nesse momento, abordaremos as semelhanças entre as narrativas, representadas por suas devidas metáforas.

## **2 A Alegoria da Caverna de Platão**

Em sua Alegoria da Caverna, Platão (428-348 a.C) fala sobre como o mundo em que vivemos é um mundo de aparências. A realidade a que nos agarramos e que aprendemos como concreta e segura é uma ilusão ou apenas meias verdades. Para colocar em termos práticos essa concepção, Platão transcreve em sua obra *A República* um diálogo, entre seu mentor Sócrates (469-399 a.C) e seu irmão, Glauco, em que o primeiro explica para o segundo um cenário onde homens estão confinados desde a infância em uma caverna acorrentados pelas pernas e pelo pescoço, de modo que não podem mudar de lugar nem voltar a cabeça para ver algo que não esteja diante deles.

Por trás desses homens, uma fogueira em um ponto elevado ilumina a caverna. Logo então, Sócrates explica para Glauco que há um muro não muito alto que se interpõe entre a fogueira e os acorrentados, e, rente ao muro, uma via por onde passam pessoas carregando figuras de todo tipo, estátuas com formato humano, de animais, de plantas. Eles carregam os objetos acima do muro, de forma que suas sombras são projetadas na parede à frente dos prisioneiros. Observando apenas as sombras, sem poder voltar suas cabeças e olhar uns para os outros, os prisioneiros passa a acreditar que aquele mundo de meras silhuetas é a realidade máxima.

Os prisioneiros são como nós, explica Sócrates a Glauco. São como as pessoas que vivem com suas mentes voltadas para determinada realidade e por isso acabam por acreditar que aquela é a única.

Prosseguindo, o filósofo fala de um prisioneiro que é levado à força para fora da caverna. O súbito movimento e a luz forte em seus olhos faz com que ele sinta dor e fique cego. Ao ser indagado sobre as formas que vê no mundo fora da caverna, o prisioneiro vê apenas borrões e aquele mundo em nada parece-lhe mais real que o seu anterior. Irritado, ele deseja voltar às sombras na caverna.

É preciso um processo lento e espontâneo para que o indivíduo aprenda por si mesmo e de forma completa.

Sócrates diz

:

Terá, creio eu, necessidade de se habituar a ver os objetos da região superior. Começará por distinguir mais facilmente as sombras; em seguida, as imagens dos homens e dos outros objetos que se refletem nas águas; por último, os próprios objetos. Depois disso, poderá, enfrentando a claridade dos astros e da Lua, contemplar mais facilmente, durante a noite, os corpos celestes e o próprio céu da que, durante o dia, o Sol e a sua luz. [...] Por fim, suponho eu, será o Sol, e não as suas imagens refletidas nas águas ou em qualquer outra coisa, mas o próprio Sol, no seu verdadeiro lugar, que poderá ver e contemplar tal como é. (CORVICIERI *apud* PLATÃO, 1997, p. 268).

Sócrates desenvolveu com sua filosofia um processo chamado *maiêutica* (também denominado *elenchos*). Maiêutica vem do grego *maieutike*, que pode ser traduzido como “a arte de partejar”. O nome tem inspiração na profissão da mãe de Sócrates, que era parteira. O nome expressa o método socrático de filosofia: deixar que a verdade, que é um bem inerente em cada ser humano, cresça até que ele dê a luz. “A minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das parteiras, com a diferença de eu não partejar mulher, porém homens, e de acompanhar as almas, e não os corpos, em seu trabalho de parto”. (NUNES *apud* PLATÃO, 2007, p.47).

A maiêutica consiste em fazer perguntas simples, quase ingênuas, mas que levem o interlocutor a se questionar sobre a profundidade de seu conhecimento sobre determinado assunto. Por exemplo, é muito comum das crianças fazerem perguntas que muitas vezes soam bobas, do tipo “por que o céu é azul”. Perguntas como estas podem ter um tom elementar e são geralmente ignoradas, mas, se se parar para pensar, é uma questão que se exige certo nível de conhecimento para se responder.

O método socrático é levar o indivíduo a se contradizer e perceber por si mesmo seu erro. É um processo de destruição. Daí pode-se começar o processo de reconstrução, onde o indivíduo vai estar livre para experimentar novos conceitos e buscar verdades além daquela meia realidade que ofuscava seus olhos.

Por fim, na Alegoria, aquele que havia saído da caverna, agora acostumado com a luz, não deseja mais voltar. Ele faria qualquer coisa para permanecer no mundo da verdade, preferindo até mesmo ser um escravo. Entretanto, se por algum motivo ele estivesse de volta na caverna, seus olhos agora não mais estariam habituados às sombras e os outros ririam dele e diriam que o mundo lá fora na realidade destruiu sua visão. Caso ele tentasse libertar os outros, se eles tivessem oportunidade, o matariam.

A Alegoria da Caverna se tornou um texto básico nos estudos de filosofia por sua abordagem universal. Pode ser aplicada nas diversas esferas do entendimento humano, seja político, religioso, social, pessoal, físico ou metafísico. É uma metáfora que mostra a facilidade como o ser humano acostuma a viver na ignorância e de como é difícil perceber um mundo além do seu.

### **3 O quarto de Jack**

Quando um livro chega a um público diversificado que o descreve, porém, de forma única, aclamando-o entre os melhores que leram, o diretor que o deseje adaptar terá dois desafios: 1) tentar chegar ao nível de resultado conseguido pelo autor; 2) Superá-lo. Esse é um processo complexo, que acaba, dependendo do filme, com o típico comentário: “o livro é bem melhor que o filme”.

Em 2010, uma estória de grande impacto na literatura norte-americana “Room”, escrito por Emma Donoghue, foi best-seller em inúmeros países. Alguns jornais o descreveram como uma das grandes obras do século XXI. Segundo o New York Times:

“Este é um romance verdadeiramente memorável, que pode ser lido por uma miríade de lentes-psicológica, sociológica, política. Ele tem um modo absolutamente único de falar sobre o amor, ao mesmo tempo que nos traz uma visão original e expansiva do mundo em que vivemos”. (RECORD *apud* BOOKS REVIEW, 2016).

O Newsweek, por sua vez, compara a estória escrita por Emma à de outros grandes mestres da literatura: “Apenas alguns poucos autores já conseguiram entrar na mente de uma criança e, em seguida, pôr no papel o que ali conheceram. Henry James, Mark Twain...Mas agora eles tem companhia”. (RECORD *apud* NEWSWEEK, 2016)

Devido ao grande impacto de “Room”, decidiu-se por uma adaptação para o cinema, Porém, para que não houvesse perdas na atmosfera sensível da estória, a autora do livro Emma Donoghue é que assina o roteiro do filme. Em 2016, com direção de Lenny Abrahanson, elenco principal Brie Larson (Joy/Mãe), Jacob Tremblay (Jack), Joan Allen (avó), William Macy (avô), Sean Bridgers (Velho Nick) chega aos cinemas, tendo no Brasil a tradução “O quarto de Jack”.

Não diferente da produção bibliográfica, o filme “O quarto de Jack” recebeu inúmeras críticas positivas da imprensa. A Folha de São Paulo o descreveu “O contraste entre a doçura da primeira parte, o que se passa no cativo e deveria ser terrível e a crescente dificuldade da segunda, a que prometia ser cheia de realizações, é o trunfo desta trama”.(ADOROCINEMA *apud* FOLHA DE SÃO PAULO). O Chicago Sun Times enalteceu a atuação de Jacob Tremblay:

O quarto de Jack é um dos melhores filmes da década. E tem Jacob Tremblay como Jack. Interpretar alguém que é tão inteligente e tão curioso, tão dedicado a sua mãe e criativo [...] é um enorme desafio para um ator. (ADOROCINEMA *apud* CHICAGO SUN TIMES, 2016).

### 3.1 Sinopse do filme

O quarto de Jack é um filme de nacionalidade canadense/irlandês que teve seu lançamento em 18 de fevereiro de 2016. É dirigido por Lenny Abrahanson, com roteiro assinado pela autora em que a obra é inspirada, Emma Donoghue. Em uma hora e cinquenta e oito minutos temos a dimensão de uma proposta que trata de um crime: a jovem Joy, vivida por Brie Larson, é mantida em cativo durante 7 anos, ao passo que somos apresentados a doçura e ingenuidade do personagem Jack (Jacob Tremblay), filho de Joy com seu sequestrador.

Joy é molestada diariamente por seu sequestrador, que ela chama de Velho Nick, por não saber o nome verdadeiro. Ela engravida em seu segundo ano de cativo e dá a luz a um menino, Jack. Por acreditar na impossibilidade de conseguir sair do “quarto”, devido seus marcantes dois anos de tentativas frustradas, Joy cria Jack o fazendo acreditar que o

quarto era mundo e o que havia além da claraboia seria o espaço sideral. As imagens vistas na TV, quando questionadas pelo menino, não existem, “são fantasias da TV, Jack”.

Mesmo num espaço que é testemunho de um dos crimes mais cruéis, Joy cria Jack de forma carinhosa e atenciosa: ensinando-o a ler, a praticar exercícios, comemorando seus aniversários e, principalmente, o livrando de todo e qualquer mal, representando no quarto pelo Velho Nick. Quando seu sequestrador vai vê-la e molestá-la durante a noite, Joy esconde o filho no guarda-roupa.

A sensação de claustrofobia provocada pelo filme começa a chegar ao fim quando Joy tem a ideia de fingir ao velho Nick que Jack, após ficar muito doente, morreu. Para Jack poder colaborar, Joy conta-o a verdade sobre o mundo, sobre as coisas que Jack ver na TV. De início o garoto reluta, mas depois começa a questionar a mãe, que fala sobre sua vida com seus pais “sorvete na rede”.

Usando como referência a fuga do personagem Edmond Dantès de *O conde de Monte de Cristo*, Joy consegue traçar um plano perfeito: treina Jack para segurar a respiração, enquanto o enrola no tapete e diz ao Velho Nick que o menino morreu. Quando o sequestrador vai jogar o corpo fora, Jack sai do tapete, pula do carro e consegue ter atenção de alguém que chama a polícia. Não demora para que encontrem o cativo e Joy também é libertada.

A cena do reencontro de Joy e Jack é emocionante, porém, não finaliza o drama do filme que, pelo contrário, só começa. Agora Jack estava no mundo e não o compreendia, querendo voltar para o quarto. Joy, por sua vez, percebe que durante os sete anos de cativo tudo havia mudado, seus pais se separaram, suas amigas seguiram em frente, enquanto sua vida foi tudo o que ela não quis. A personagem cai em profunda tristeza e tenta suicídio, presenciado pelo próprio Jack.

Durante as próximas cenas, vemos uma criança se adaptando a um novo mundo, o mundo real. Enquanto que a mãe luta para aceitar essa nova realidade. O trecho final do filme, ainda que singelo, é cheio de significados: Joy e Jack de mãos dadas dando as costas ao “Quarto”.

#### 4 Análise Comparada: O quarto de Jack e a Alegoria da Caverna

Agora que conhecemos a narrativa criada por Platão para explicar a ilusão criada por algumas ideologias, sabemos que o conhecimento, nada mais é que algo em transição. A realidade, e as convicções em algo podem ser alteradas, de acordo com outras percepções. A estória de “O quarto de Jack” apesar de ter como foco a cumplicidade entre mãe e filho, pode ser uma metáfora da mesma temática encontrada na Alegoria da Caverna de Platão: a alienação social.

Não há como comprovar, no momento, que Emma Donoghue buscou inspiração na Alegoria da Caverna para escrever o livro e, posteriormente o roteiro de “O quarto de Jack”. Porém, alguns críticos de cinema já fizeram alguns posicionamentos em relação às semelhanças dessas obras.

De início, a narração do filme pelo personagem Jack nos entretém como se estivéssemos sendo conduzidos para algo fantasioso, porém, inquestionável. Como se entrássemos numa das narrativas dos irmãos Grimm:

Era uma vez...antes de eu chegar aqui...você só chorava e via TV o dia inteiro...até virar zumbi. Mas, eu descí do céu pela claraboia até o quarto. E eu estava te chutando por dentro, bam bam! Daí me joguei no tapete com os olhos bem abertos, você cortou o cordão e me disse: “Oi, Jack!”  
(O QUARTO DE JACK..., 2016)

Enquanto Jack narra sua entrada no mundo, ou melhor no Quarto, somos apresentados a esse ambiente e a única entrada de luz que ele e a mãe recebem pela claraboia. É importante destacar que quando o diretor registra o quarto numa panorâmica de 360° para compreendermos a dimensão desse espaço, a sensação de claustrofobia é ainda mais intensificada, como se realmente estivéssemos presos com os personagens.

Nesse início já percebemos uma analogia à Alegoria da Caverna, quando Sócrates descreve a caverna para Glauco:

Agora imagina a maneira como segue o estado da nossa natureza relativamente à instrução e à ignorância. Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentadas, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, pois as correntes os impedem de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo dessa estrada está construída um pequeno muro, semelhante às divisórias que os

apresentadores de títeres armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas. (CORVICIERI *apud* PLATÃO, 1907, p. 266)

Dos personagens presos no Quarto, a única que conhece o mundo é Joy. Ela, prevenindo que no futuro Jack questionasse sobre a existência das coisas que assiste na TV, explica que tudo trata-se de fantasia, afirmando que só aquilo que estava dentro do quarto, ou a folha que caía na claraboia são as únicas coisas reais. O que ele assiste na TV é fantasia e só a Mãe (mãe), ele e o Velho Nick (seu sequestrador) existem.

O mundo não existe em “O Quarto de Jack”. A personagem Joy é como os homens descritos por Sócrates, que carregam os objetos fabricados para iludir os homens presos na caverna. Jack está preso como um desses homens, a realidade das coisas só existe a partir da percepção das sombras, ou seja, da ilusão criada pela mãe.

A reação de Jack ao ouvir a mãe contar-lhe que existe um mundo, que algumas coisas da TV são reais; o cachorro que ele achava não existir de fato existe, causa uma reação negativa no garoto, como se os relatos contados pela mãe fossem irreais. A discussão deles pode ser comparada a aquilo que Sócrates afirma a Glauco que aconteceria se, por acaso, os homens presos na caverna apenas ouvissem um eco do que seria o mundo além da caverna: “Dessa forma, tais homens não atribuirão realidade senão às sombras dos objetos fabricados. (CORVICIERI *apud* PLATÃO, 1907, p. 267).

Quando a mãe planeja a fuga de Jack e ele resiste, pedindo-a efusivamente para deixar para quando ele completasse seis anos, somos direcionados a mesma ideia apresentada na Alegoria da Caverna:

E se a força-rem a fixar a luz, os seus olhos não ficarão magoados? Não desviará ele a vista para voltar às coisas que pode fitar e não acreditará que estas são realmente mais distintas do que as que se lhe mostram? (CORVICIERI *apud* PLATÃO, 1907, p. 267).

O medo de Jack do desconhecido é o mesmo medo do homem preso na caverna, acostumado com aquilo que o mostram. Pensar que existe um mundo além poderia representar algo que ele não pudesse ter controle?

E se o tirarem de lá à força, se o fizessem subir o íngreme caminho montanhoso, se não o largassem até arrastá-lo para a luz do sol, ele não sofreria e se irritaria ao ser assim empurrado para fora? E, chegando à luz, com os olhos ofuscados pelo brilho, não seria capaz de ver nenhum desses



objetos, que nós afirmamos agora serem verdadeiros. (CORVICIERI *apud* PLATÃO, 1907, p. 267)

A partir dessa citação, somos levados a cena em que Jack após conseguir se desenrolar do tapete, que o velho Nick acreditara enrolar o corpo do menino, enxerga o céu além do que era mostrado pela claraboia. A luz o incomoda. Nessa cena, o diretor Lenny Abrahamson usa da câmera subjetiva para tentar captar o efeito da luz na cara de alguém que quase não a tinha.

É importante mencionar que o drama se instala de forma ainda mais intensa quando os personagens conseguem sair do quarto. Isso porque, Jack passa a se deparar com um mundo que ele não sabia existir, em que cada nova descoberta o amedronta, desejando voltar para o quarto. Quando a mãe tenta suicídio e ele tem que ficar aos cuidados da avó e do marido dela, Leo, inicia-se sua adaptação. Jack percebe o mundo, mesmo ainda sentindo falta do quarto, relatando isso para a avó enquanto ela corta o seu cabelo. O corte do cabelo além de representar a força destinada a mãe, é também uma metáfora desse momento de transição.

O momento de adaptação também é mencionado por Sócrates na Alegoria da Caverna.

É preciso que ele se habitue, para que possa ver as coisas do alto. Primeiro, ele distinguirá mais facilmente as sombras, depois, as imagens dos homens e dos outros objetos refletidas na água, depois os próprios objetos. Em segundo lugar, durante a noite, ele poderá contemplar as constelações e o próprio céu, e voltar o olhar para a luz dos astros e da lua mais facilmente que durante o dia para o sol e para a luz do sol. (CORVICIERI *apud* PLATÃO, 1907, p. 268)

Quando a mãe se recupera e volta para casa, eles passam a experimentar todas as coisas “porque não sabiam do que gostavam”. O pedido de Jack a mãe para voltar ao quarto para se despedir, também finaliza a compreensão de que ele precisa se desfazer do que é fantasia/alienação. Ao voltar ao quarto e não acreditar, de início, que ele seria o mesmo, comenta com a mãe que este parece menor. A ilusão que é finalizada neste momento, proporciona-nos a ideia de que o vivenciado dentro da caverna na Alegoria de Platão também é algo menor, fantasioso e ilusão. “Reflita ainda nisto: suponha que esse homem volte à caverna e retome o seu antigo lugar. Desta vez, não seria pelas trevas que ele teria os olhos ofuscados, ao vir diretamente do sol?” (CORVICIERI *apud* PLATÃO, 1907, p. 269).

## 5 Considerações Finais

Como se pôde observar, é possível traçar um paralelo muito claro entre o filme *O Quarto de Jack* e *Alegoria da Caverna*, de Platão. É possível se perceber em diversos elementos: no cativeiro; na televisão e nas mentiras inventadas por ‘Ma’, que, ainda que para proteger o pequeno Jack, prendem o garoto em um mundo de ilusões; na figura do próprio Jack, como prisioneiro, que acredita que aquele mundo, que não passa de um simulacro, é o mundo inteiro; e, posteriormente, sua fuga e seu primeiro contato com o mundo exterior, com a luz, com as formas e com os sons, que assustam o menino e o fazem desejar voltar para seu cativeiro.

Entretanto, passado esse primeiro momento, o garoto entra em uma jornada de auto-conhecimento que, aos poucos, o leva a descobrir uma realidade muito maior da que ele conhecia antes.

À bem da verdade o filme não se aprofunda no pensamento socrático e platônico, que é imensamente vasto e rico. Com efeito, as comparações ficam limitadas, até onde se pode analisar, a este trecho específico que é a *Alegoria* e à figura do garoto Jack. Pode-se dizer que o que a obra audiovisual faz é recriar a alegoria, adaptando seus aspectos fundamentais e dando uma abordagem mais moderna, acrescentando temas como abuso sexual e maternidade.

Porém, a *Alegoria da Caverna* é uma metáfora que introduz o pensamento dos filósofos gregos. A busca por uma verdade pura, admitindo sua própria falta de conhecimento, destruindo preconceitos para então, como uma criança, começar a aprender sobre o mundo.

Jack é uma transcrição literal do ideal socrático: a figura do prisioneiro que abandona seu cativeiro, seu mundo de ilusões e começa a descobrir um mundo novo. Sendo criança, ele representa da curiosidade, o desejo pelo saber que é inerente a todos, mas que é suprimido por um mundo opressor e que aliena.

## REFERÊNCIAS

ADORO CINEMA. **O quarto de Jack**: críticas da imprensa. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-228263/criticas/imprensa/>> Acesso em: 18 de mai. 2016.

MATOS, Lucas Pereira. **A Alegoria da Caverna e seu mito hoje**. Revista Pandora Brasil. Bahia, n.34, p. 68-78, set. 2011.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1997.

\_\_\_\_\_. **Critão, Menão, Hípias Maior e outros**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2007.

RECORD.Quarto: críticas. Disponível em:<  
<http://www.record.com.br/quarto/criticas.html>> Acesso em: Acesso em: 18 de mai. 2016.